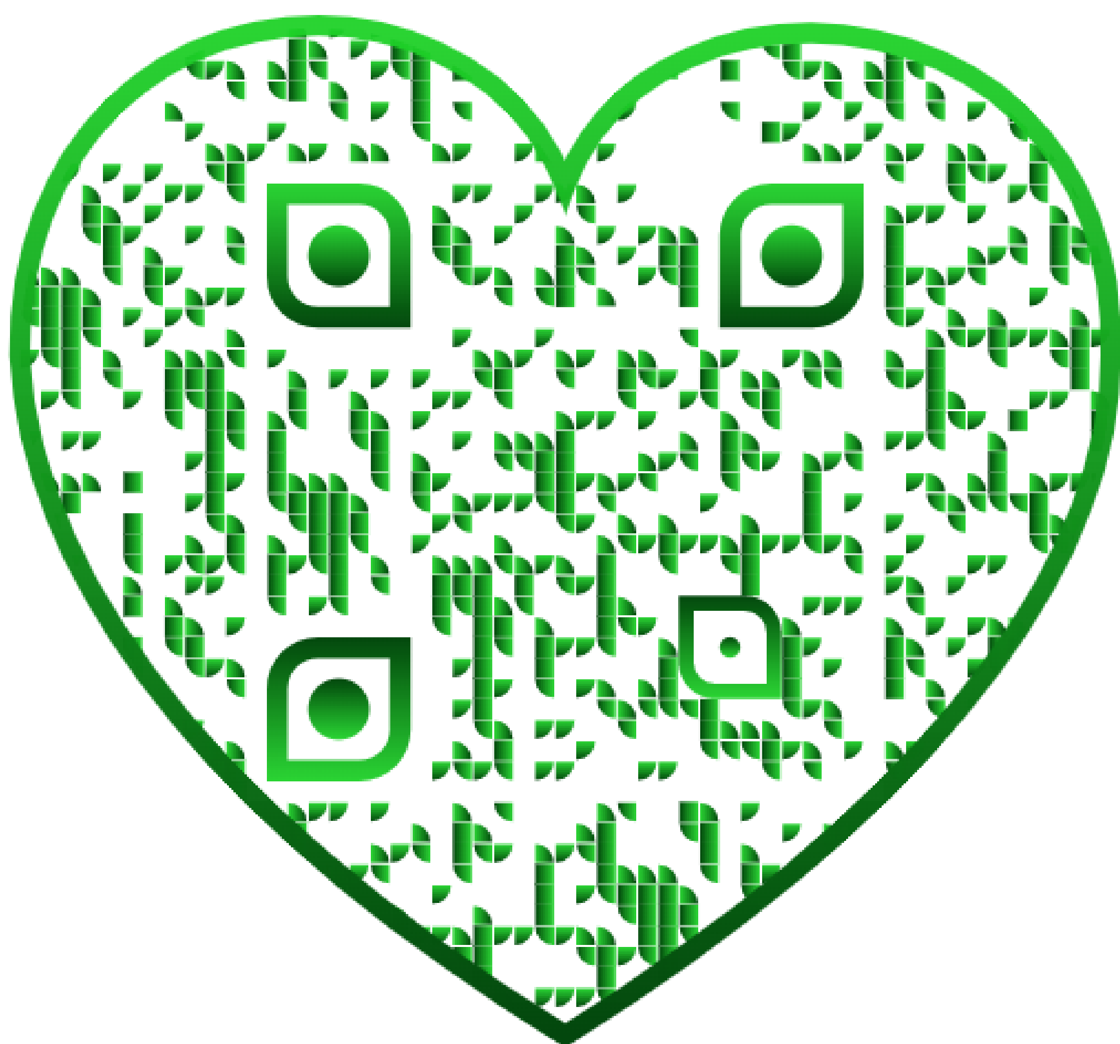
Daniel Gottlieb

FELICIDADE AGORA

Reencontre a sabedoria que nasceu com você e tenha uma vida plena



Gente editora



Daniel Gottlieb

FELICIDADE AGORA

Reencontre a sabedoria que nasceu com você e tenha uma vida plena

Tradução
Cristina Sant'Anna



Diretora
Rosely Boschini

Gerente Editorial
Marília Chaves

Editora
Carla Fortino

Estagiária
Natália Domene Alcaide

Editora de Produção Editorial
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção
Karina Groschitz

Tradução
Cristina Sant'Anna

Preparação
Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e Diagramação
Triall Composição Editorial

Revisão
Sirlene Prignolato

Capa
Miriam Lerner

Imagem de Capa
jakkapan/Shutterstock

Impressão
Assahí Gráfica

Originalmente publicado nos EUA com o título THE WISDOM WE ARE BORN WITH por Sterling Ethos, uma marca de Sterling Publisking Co., Inc.

Copyright do texto © 2014 by Daniel Gottlieb

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114, São Paulo, SP – CEP 05029-030

Telefone: (11) 3670-2500

Site: http://www.editoragente.com.br

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gottlieb, Daniel
Felicidade agora: reencontre a sabedoria que nasceu com você e leve uma vida plena / Daniel Gottlieb; tradução de Cristina Sant'Anna. – São Paulo: Editora Gente, 2015.
208 p.

ISBN: 978-85-452-0079-6
Título original: The wisdom we are born with

1. Felicidade 2. Autorrealização 3. Perspectiva (Filosofia) 4. Mudança de atitude 5. Conduta I. Título II. Sant'Anna, Cristina

15-0906 CDD 158.1

Índice para catálogo sistemático:
1. Felicidade 158.1

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, *7*

Parte 1

CRESCIMENTO

Aquele primeiro passo assustador 14

Perspectivas religiosas de uma criança de 3 anos 20

O amor e seus inibidores 24

Sobre os sonhos 30

Parte 2

NOSSAS HISTÓRIAS E NOSSO EGO

O relacionamento mais importante da sua vida 36

As histórias que contamos para nós e para os outros 44

Quando a solidão tira seu fôlego 49

Quanto é o bastante? 57

Em busca do bem-estar 63

Parte 3

O QUE NOS DERRUBA

A aula de comédia 70

Volte para casa, seu corpo está esperando por você 81

Acontece do nada 91

Respeito ao luto 96

E agora? 101

Parte 4
O QUE NOS CONECTA
Espelhos 106
Sobre cuidar e se importar 113
Vulnerabilidade 117
Por favor, ajude-me 127
Crie um milagre 138

Parte 5
FÉ
A lição da hera 142
Paternidade: vivendo entre a fé e o medo 149
A verdade silenciosa 157
O gênesis revisitado 164

Parte 6
A CENTELHA DIVINA
A centelha divina em todos nós 174
Voltando para casa 184
Pronomes: quando “eles” se tornam “nós” 192
A centelha 199

POSFÁCIO 205

INTRODUÇÃO

O restaurante do Phillips era bem na saída de Pleasantville, em Nova Jersey, cidade onde passei os primeiros sete anos da minha vida. Era um lugar típico e familiar do começo da década de 1950. Silenciosamente movimentado, as mesas tinham toalhas brancas e a música de fundo era sempre do Frank Sinatra ou do Tony Bennett. Nesse restaurante havia uma estrela principal. O nome dela era Polly.

Polly era um papagaio grande, que vivia em uma gaiola no meio do saguão da entrada. Olhando para trás, percebo que provavelmente os donos do restaurante o colocaram ali para atrair as crianças. E o truque funcionava maravilhosamente. Toda vez que meus pais diziam que íamos jantar fora, eu sempre pedia o restaurante do Phillips porque sabia que poderia me divertir com Polly.

Na noite sobre a qual quero falar, quando estava com uns 8 anos, meus pais, minha irmã de 13 anos e eu fomos ao Phillips com nossas avós (meus dois avôs já haviam morrido alguns anos antes). Assim que nos sentamos e começamos a olhar o menu, surgiu uma conversa acalorada entre os adultos. A discussão era sobre peixes. Alguns, eles diziam, são "peixosos" demais, o que não é muito bom (naquela época,

eu não entendia por que um peixe "peixoso" demais era um problema. Ninguém reclamava de que o frango estava "frangoso" demais). De qualquer forma, conforme a conversa se tornava mais intensa, meus pais e minhas avós continuavam a debater sobre como alguns peixes tinham espinhas demais e outros eram muito picantes. Nada daquilo tinha significado para mim. Estava tudo bem, porque diversos comportamentos adultos não faziam sentido para mim (e continuam não fazendo). Tudo mudou quando minha irmã resolveu dar a opinião dela. Recém-chegada à adolescência, ela tentava parecer adulta. Assim, entrou na conversa, oferecendo sua opinião sobre o sabor dos peixes.

Nesse momento, saí da mesa e fui para a entrada onde podia brincar com Polly (que, na verdade, preferia comer biscoitos). O papagaio balançou a cabeça de um lado para o outro, um pouco curioso com a criança que estava embaixo de sua gaiola. Enquanto isso, a discussão prosseguia na mesa que eu já havia abandonado. De lá do saguão de entrada, parado perto de Polly, eu olhava para a minha família. Sim, era a minha família. E, apesar disso, eu era de alguma forma diferente da minha própria gente. Não me sentia bem ou mal com isso — apenas diferente. Não tinha completa consciência do que essa experiência queria, ou não, dizer, mas em retrospectiva percebo que esse pequeno evento foi bastante significativo. Eu teria aquela mesma sensação muitas vezes ao longo da vida.



Comecei com o pequeno Danny Gottlieb no restaurante do Phillips porque, olhando para trás, considero que aquele foi meu primeiro despertar.

Todos nós temos nossas primeiras percepções. É aquele momento em que percebemos que, embora sejamos parecidos com os outros de muitas maneiras, realmente não somos iguais. Existe um sentimento de solidão existencial — uma sensação de estar completamente separado de todas as outras pessoas — o que é quase insuportável. Para mim, esse questionamento começou bem ali no restaurante do Phillips, quando pensei: "Quem sou eu? A quem pertenço — se não for a essas pessoas?". Com certeza, um cérebro de 8 anos é muito jovem para enfrentar perguntas existenciais, mas tive uma sensação visceral naquela noite. Nenhum pensamento do qual possa me lembrar, apenas essa sensação visceral.

Dezesseis anos mais tarde, tive novamente aquela mesma sensação. Eu acabara de começar em meu primeiro emprego como psicólogo em uma pequena unidade de internação psiquiátrica em um hospital geral na região sul da cidade da Filadélfia. Como era um hospital comunitário, recebíamos todos os tipos de pacientes, incluindo viciados em drogas, deprimidos e outros com doenças mentais relevantes, como esquizofrenia.

Lá estava eu com meu primeiro grupo de colegas de profissão — enfermeiras psiquiátricas, assistentes sociais, psicoterapeutas e outros. No entanto, ao nos referir aos pacientes como "aquelas pessoas" nas discussões de casos, eu me sentia desconfortável. Eu era capaz de conhecer meus pacientes muito bem e em diversos aspectos podia me identificar com a vulnerabilidade deles. E, apesar de não poder verbalizar isso, eu me reconhecia na alienação deles. Conseguia ver quem eles eram por trás dos rótulos que recebiam. Não era assim com meus colegas.

Então, lá estava eu de novo, observando “minha gente”, mas me sentindo diferente ao mesmo tempo.

Contudo, naquele momento eu era capaz de formular estas grandes perguntas sem resposta: “Quem sou eu?”, “A que lugar pertenço?”, “Quem são minhas pessoas?”. Quando criança e inseguro, senti uma espécie de confusão e ansiedade. Olhando para o passado, porém, percebo que também estava alerta para algo que me parecia verdadeiro e familiar. Outro despertar.

Apesar desses breves momentos de consciência, eu ainda tinha o desejo de pertencer — de me sentir como parte do grupo. Trabalhei duro para realizar esse objetivo, vivendo de acordo com todas as expectativas criadas em torno do jovem marido, do pai e do psicólogo. Ainda assim, tinha essa sensação familiar e desconfortável de que, embora eu parecesse e agisse igual, era diferente. E, então, trabalhava ainda mais duro.

Até que...

Em 20 de dezembro de 1979, sofri um acidente de carro e me tornei tetraplégico. De algum modo, em meio ao choque cego diante do novo mundo em que fui jogado, sabia que nunca *pertenceria* da maneira que desejava. Eu sabia disso por toda a minha vida, mas nunca *realmente soube* até aquele momento.

Agora, mais de trinta anos depois daquele acidente de carro, uma parte de mim ainda está em pé perto de Polly no saguão de entrada do restaurante do Phillips. Passei a vida toda observando a família humana sobre os ombros e me sentindo profundamente diferente. Ainda assim, sei que todo ser humano tem a sabedoria de conhecer essa verdade. De acordo com alguns analistas junguianos, a criança divina é sempre órfã. Estou cercado por meus companheiros hu-

manos com os quais todos nós queremos estar conectados e sentir que pertencemos a algo (visto que somos animais sociais). E cada um de nós é uma criança órfã, vivendo a dinâmica dialética entre o desejo de pertencer e a percepção de ser diferente.

Naquele dia, no restaurante do Phillips, eu despertei para certo tipo de sabedoria — a sabedoria da qual falaremos ao longo de todo este livro —, a sabedoria com a qual nascemos, a sabedoria inata. Meu despertar não poderia ter sido ensinado por nenhum professor nem extraído de nenhum texto. Foi a combinação de sensações físicas e de circunstâncias que me trouxe a consciência de uma sabedoria que sempre carreguei dentro de mim.

Eu despertei — e, então, caí no sono novamente. Quando eu era criança, não conseguiria lidar com aquela percepção. Isso teria me esmagado e, assim, a percepção durou apenas alguns segundos.

Acredito que é isso que todos nós fazemos. Temos a sabedoria, nós a carregamos dentro de nós e de tempos em tempos despertamos para ela — e, apesar disso, caímos no sono novamente. Às vezes, isso ocorre porque não estamos prontos ou porque não conseguiríamos tolerar esse fato. De vez em quando, porém, lutamos tão vigorosamente com nosso sistema de crenças e com o que deveríamos fazer ou ser, que não nos damos a oportunidade de fazer descobertas sobre nossa vida. Então, essa sabedoria fica submersa. No entanto, quando tudo corre bem, lembramo-nos dessa sabedoria do nosso passado — quando abríamos o coração e a mente e conseguíamos ouvir essa verdade muito sábia e tranquila que todos carregamos.

PARTE 1
Crescimento

AQUELE PRIMEIRO PASSO ASSUSTADOR

Sempre que relembro em detalhe aquele meu primeiro despertar, fico curioso a respeito das experiências das crianças pequenas. Como elas começam a descobrir quem são? Quando percebem as possibilidades da própria independência? O que aprendem com os outros e que conhecimentos trazem dentro de si ao nascer?

Enquanto escrevia este livro, tive a oportunidade de passar bons momentos com Jacob, que me ensinou muito sobre sua visão de mundo.

Para mim, Jacob é "meu neto virtual", e com razão. A mãe dele, Amy, é vinte anos mais jovem do que eu. Nós somos bons amigos há quinze anos, e por muito tempo ela se sentiu como uma filha ou irmã mais nova em relação a mim — mas sempre fomos bons amigos.

De início, quando nos conhecemos, Amy estava com 30 anos e conversávamos sobre suas dificuldades com o namorado e outras questões bastante pessoais. Ela compartilhava sua vulnerabilidade e, como resultado, sempre me senti próximo e, de alguma forma, protetor em relação a ela. Quando entrou em um relacionamento e engravidou, eu me

vi antecipando o nascimento da criança tanto quanto ela. E, quando Jacob nasceu, corri para o hospital para conhecer o recém-nascido do mesmo jeito que corri treze anos antes para ver meu amado neto, Sam. Quase imediatamente, Jacob sentiu-se como outro neto para mim. Eu não apenas sentia o mesmo tipo de amor que dedicava a Sam, mas também agia devotada e protetoramente. Aquela criança também era da família.

O relacionamento entre Amy e o pai de Jacob não durou muito e, poucos meses depois do nascimento, as circunstâncias a forçaram a vir morar comigo. Ela não hesitou em pedir e eu não hesitei em concordar que Amy se mudasse para minha casa. Nosso relacionamento sempre foi desse tipo.

Essa foi a primeira vez que tive a oportunidade de passar bastante tempo com uma criança, enquanto ela crescia. Quando meus filhos eram crianças, eu gastava muito tempo trabalhando e não conseguia ficar muito com eles. E, quanto ao meu próprio neto, Sam, seus pais moram um pouco longe de mim, então só o vejo durante as visitas. Assim, quando vi Jacob dar seu primeiro passo, foi uma experiência que nunca tivera antes e que jamais esquecerei.

Na festa de seu primeiro aniversário, Jacob não tinha ideia do que estava acontecendo (algo que prevejo em meu futuro), mas provou o bolo e adorou.

Parecia até que Jacob havia lido todos os livros de desenvolvimento psicológico, porque estava fazendo tudo o que devia fazer na hora certa — engatinhando, balbuciando e enfiando os dedinhos em todos os lugares. Agora, o adorável e feliz Jake já estava pronto para ficar em pé por conta própria. A maioria dos pais se lembra da primeira vez em

que o filho conseguiu escalar um móvel — pernas e cabeça vacilantes — e olhou em volta, orgulhoso do que havia feito. Era exatamente o que Jacob fazia.

Em algumas semanas, à medida que progredia, Jacob começou a tentar outros movimentos. Ele ficava em pé perto de um móvel, soltava a mão por alguns segundos, caía de traseiro no chão e ria.

Uma semana e pouco depois disso, ele estava *pronto*. Aconteceu quando estava em casa com a babá e decidiu que iria ficar em pé segurando só na perna dela. Alguns segundos depois, ele soltou a mão. A babá deu um passo para a frente. E lá estava ele em pé, balançando um pouco, com os olhos arregalados como dois pires. Jacob estendeu a mão para que a babá a segurasse, mas ela não o fez. Em vez disso, deixou a mão longe do alcance dele.

Enquanto eu observava pela primeira vez aquele evento maravilhoso, mal podia respirar. Era um momento monumental na vida dele e na minha. Lá estava Jacob, instável e buscando segurança em alguém de confiança. Devagar, ele começou a sentar no chão e, de repente, antes de a fralda encostar, ele se endireitou e ficou em pé novamente. A babá apenas o encorajava a dar o passo necessário para alcançar a mão dela. Observei que os olhos dele e seu pequeno peito pareciam se mover com rapidez. Eu queria desesperadamente livrá-lo daquele estresse.

Então, aconteceu, como sabíamos que aconteceria: ele deu seu primeiro passo. Todos nós aplaudimos. Meus olhos se encheram de lágrimas.

Talvez você tenha observado o que vem a seguir. Talvez já tenha vivenciado isso, como um adulto.

Na Bíblia hebraica, Deus diz a Abraão: "Deixe a casa do seu pai". Na verdade, deixe para trás o que lhe é familiar — afaste-se do que conhece como lar para começar a jornada de sua própria vida. Falando neurologicamente, foi isso que Jake fez. Ele escolheu não sentar de novo e engatinhar. Em vez disso, ele embarcou no desconhecido, sem nenhuma ideia do que aconteceria. Nesse processo, deu literalmente o primeiro passo da jornada de sua vida. Deixar para trás o que é familiar, seja a mão da babá ou a casa dos pais, é sempre um ato de fé. Nós sempre ficamos assustados quando deixamos algo novo acontecer.

Para crescer, precisamos aliviar o apego ao que é familiar. Não há caminho fácil. Abraão teve de sair da casa do pai. O resto de nós tem de abandonar a narrativa que temos tecido para nós mesmos — a história de quem somos nós, como e por que sentimos daquela maneira e do que precisamos para nos sentirmos melhores, mais felizes ou mais seguros.

Quando ouço casais, sempre escuto histórias desse tipo. Por exemplo, a esposa costuma dizer que tem estado em um casamento sem amor e que não suporta mais viver assim. Ela afirma que o marido não é capaz de oferecer o tipo de amor de que ela precisa. Garante que por muitos anos tentou fazê-lo entender. Diz que está insegura desde o início do casamento porque seu pai nunca a amou adequadamente. Acha que tem o direito de ter suas necessidades atendidas. Assim que isso acontecer, segundo ela, vai se sentir feliz ou segura. Essa é a narrativa dela.

Os fatos podem ser verdadeiros, ou não, mas a narrativa é sobre *o que ela acredita*. É esse o tipo de história que contamos a nós mesmos sobre nossa vida, sobre quem somos

e como chegamos até aqui. E, com essa história, erguemos a casa onde vivemos. O telhado pode ter goteiras, pode faltar mobília, mas é a casa que construímos. Mesmo que provoque sofrimento, essa é a nossa casa. A história que a ergueu pode não ser real, mas, quanto pior nos sentimos, mais nos enterramos na casa que criamos.

Pense a respeito de sua narrativa e como isso define quem você é. Você é líder ou vítima da sua infância? Talvez seja uma pessoa extremamente cuidadora ou veja a si mesmo como alguém depressivo ou incapaz ou inseguro ou disfuncional de outra maneira. A sua infelicidade é provocada pela pessoa com quem você vive ou trabalha, ou é causada por sua educação ou pela genética? Sua felicidade chegará quando tiver bastante dinheiro e amor e quando seus filhos estiverem crescidos e seguros, ou você acredita que isso nunca acontecerá? As respostas a essas perguntas fazem parte da sua narrativa. São os tijolos da sua casa.

Entretanto, suponha que o que você acha que precisa não seja realmente aquilo de que necessita e que todas essas explicações para sua infelicidade não sejam exatas. E se o que você pensa que o fará feliz não o fizer feliz?



Em um verão passado, ministrei um seminário para escritores de autobiografias. Comecei com dez minutos para contar a eles a história da minha vida. Falei sobre uma infância de solidão e abuso. Chegando aos anos do meu casamento, contei sobre o câncer da minha esposa e depois sua esclerose múltipla, sobre nossos filhos e sobre minha tetraplegia — e descrevi meu atual senso de alegria e gratidão. E, então, per-

guntei ao grupo de escritores por que eu escolhera contar a história da minha vida *daquela maneira*?

"Deve haver centenas de jeitos diferentes de contar minha vida", eu disse. No entanto, eu escolhi apenas um.

Depois disso, convidei cada pessoa do grupo a escrever uma autobiografia com cinco páginas. Quando terminaram, conversamos sobre isso. Pedi que se perguntassem por que escreveram determinada história primeiro, que mensagem estavam tentando transmitir e de quem estavam realmente falando. Então, solicitei que voltassem e escrevessem uma história diferente. Fizemos isso três vezes — até que se sentiram frustrados.

Estava na hora, portanto, de assumir uma abordagem diferente. Dessa vez, pedi a eles que escrevessem cinco páginas com uma descrição.

"Quero que vocês me contem quem são vocês — sem me explicar como se tornaram assim ou o que isso significa."

No final da tarefa, todos pareciam mais revigorados e se relacionavam com mais segurança e intimidade. Eles ficaram mais confortáveis sendo vulneráveis — sendo conhecidos. Eu lhes contei a única verdade que conhecemos com certeza. Tudo o que sabemos é *como experienciamos a própria vida*. O resto é conjectura.

Quando aliviamos o apego à nossa narrativa, encontramo-nos exatamente no mesmo lugar em que Jake estava quando ficou em pé sobre o chão, sozinho, tentando andar, sem saber o que aconteceria em seguida. Em outras palavras, muito, muito assustado — e, de repente, com um pequeno passo, nossa vida se abre para todo um novo futuro.

PERSPECTIVAS RELIGIOSAS DE UMA CRIANÇA DE 3 ANOS

Jacob e eu nos vemos regularmente desde que nasceu, assim, consigo me lembrar de como eram — para ele e para mim — as descobertas que fazia do mundo ao seu redor. Como a maioria das crianças pequenas, ele estava cheio de admiração e prazer. Às vezes, quando brincávamos no quintal, ele parava o que estava fazendo e apontava silenciosamente para o céu. Cinco segundos depois, eu ouvia um avião passar sobre nós. Percebi que ele não apenas *ouvia* melhor do que eu, mas sua *atenção* também era maior. Ele não ficava perdido em pensamentos sobre a agenda do dia ou sobre o que preparar para o jantar ou, então, tantas outras atividades mentais que roubam a habilidade de uma pessoa experienciar a própria vida.

Sabemos como as crianças são capazes de vivenciar o momento e, embora fiquemos nervosos às vezes com isso, elas têm algo a nos ensinar — algo que nós esquecemos.

Um dia, quando Jacob estava com uns 2 anos, ele entrou no escritório para brincar comigo. Escalou uma cadeira e apontou pela janela uma estátua de Buda que tenho no jardim. Olhou a estátua e depois para mim e balbuciou alguns

sons. Como ele estava aprendendo a falar, eu disse: "Jacob, aquele é Buda". Observei-o, enquanto ele parecia assimilar minhas palavras. Então, repetiu: "Dudie".

"Não, não, querido", eu respondi e, cuidadosamente, repeti: "Buuuu-Dááááá."

E ele voltou a repetir: "Duuuu-diiieee".

Fora o fato de que ele acabara de "despertar" também para uma montanha de cocô, achei que podia ter razão em algo. Portanto, decidi aceitar a visão de mundo de Jacob. Passei a usar o nome que ele tinha dado para aquilo: Dudismo. Descobri que na religião Dudista nossos templos de culto são as praças e os parquinhos (não temos pagamento de anuidades ou levantamento de fundos, e os cestos de arrecadação não são passados durante o serviço). Nossas orações são exercícios de percepção — observar as cores do céu mudando durante o pôr do sol ou realmente apreciar os alimentos em uma refeição. Quando Jacob e eu estamos juntos, tento escutar melhor para conseguir ouvir os aviões antes que possamos vê-los no céu. E o ponto máximo do Dudismo é que rezar é sinônimo de brincar.



Cerca de um ano após a fundação do Dudismo, eu estava me preparando para participar de um retiro de silêncio que duraria cinco dias. Tinha de cuidar de numerosos detalhes antes de partir. Alguns compromissos com pacientes precisavam ser cancelados ou adiados. As mensagens se acumulariam na caixa do e-mail, enquanto estivesse fora. Não conseguiria responder às questões postadas no meu site. O produtor do

meu programa de rádio teria de esperar a minha volta antes que pudéssemos conversar sobre as próximas pautas.

E então, apenas alguns dias antes de partir, o desastre aconteceu. Durante uma forte tempestade, uma árvore caiu sobre a garagem, destruindo o telhado (felizmente, minha caminhonete não estava estacionada lá naquela hora). Com todo aquele estrago feito na casa, eu sabia que teria de lidar (de novo) com a companhia de seguros e com os empreiteiros.

Então, *por que* eu estava indo àquele retiro? O que poderia haver lá que superasse todas as responsabilidades que eu estava deixando para trás e os desafios que enfrentaria a minha volta?

Foi Jacob quem me lembrou. Quando contei a ele que estaria fora por alguns dias, perguntou se eu estava saindo em férias e se poderia ir junto. Disse que não eram bem férias. Quis saber, então, se era trabalho e eu expliquei que também não era bem trabalho.

Como poderia explicar aquilo em termos que ele entendesse? Pensei por um minuto e falei: “É como se fosse uma escola. Vou lá para aprender”.

Foi o que eu disse, mas fiquei pensando: “O que eu vou realmente aprender é aprofundar a habilidade de experienciar minha vida interior e exterior com quietude e compaixão”. Então, cheguei ao seguinte: “Se Jacob me pressionasse para saber o que eu iria aprender, como eu me explicaria? O que lhe diria?”.

Acho que diria que estava indo aprender como *sentar e não fazer nada*.

Quanto mais eu penso tentando encontrar essa explicação, mais percebo que fui àquele retiro para aprender a fazer

o que Jacob faz a cada minuto de todos os seus dias. Foi o que ele me ensinou naquele dia no quintal, no parquinho, em nossos passeios juntos, quando ele escutava os aviões que eu não conseguia ver, e quando hoje ele presta atenção a tanta coisa que escapa da minha percepção. Naquele retiro, eu me dei conta de que estava fazendo o meu melhor para reaprender algo que Jacob já me ensinara uma vez — lições que provavelmente terei de aprender e reaprender repetidamente. A sabedoria do Dudismo.

Jacob Rice, meu mestre.